

A pedagogia do cotidiano na (e da) educação infantil

Rodrigo Saballa de Carvalho

Paulo Sergio Fochi

15

Desde que a educação infantil foi reconhecida como primeira etapa da educação básica, muitos debates têm sido realizados em torno da noção de currículo para essa etapa. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) de 2009 representam, de certo modo, o consenso da comunidade acadêmica sobre o tema. Contemporaneamente a esse debate, discute-se acerca da construção de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a educação infantil, o que representa um momento importante de fortalecimento e consolidação dessa etapa como a primeira da educação básica, ao mesmo tempo que se desvelam alguns temas difíceis para a área.

Além de definir a criança como sujeito de direitos, a concepção de currículo adotada pela BNCC segue as indicações atribuídas pelas DCNEI, que consideram o cotidiano um catalizador das experiências de aprendizagem vivenciadas pelas crianças diariamente nas instituições. Isso porque, nas situações ordinárias da vida, no cotidiano, ocorrem aprendizagens que servem de vias de acesso para a compreensão dos funcionamentos sociais que são construídos e que constroem a relação das crianças com o mundo. Desse modo, ao observarmos o cotidiano das crianças na educação infantil – nos usos que elas fazem de seus tempos-espacos, nas linguagens que utilizam, nas relações que estabelecem e nas aprendizagens que se efetivam –, é possível perceber rupturas e reinvenções nos modos de viver a infância.

Em tal perspectiva, consideramos o cotidiano uma dimensão que imprime sua marca na vida social das crianças, ou seja, por meio dele, temos a possibilidade de encontrar o extraordinário no ordinário vivido diariamente por elas em horas,

dias, semanas, meses e anos que passam na educação infantil. Portanto, entendemos como necessária a construção e operacionalização de uma pedagogia do cotidiano no trabalho desenvolvido com crianças de 0 a 5 anos de idade na educação infantil. Isso porque se trata de uma pedagogia plural, promotora de cultura pedagógica (inquieta, antirreducionista e metodologicamente criativa), que permite pensar nos tempos, nos espaços, nos materiais, nas relações e nos campos de experiências que podem ser vivenciados pelas crianças.

Desse modo, defendemos o argumento de que a pedagogia do cotidiano na (e da) educação infantil tem o potencial de tensionar perspectivas lineares e escolarizantes de trabalho com as crianças, confrontando programações pautadas em listas de atividades, que geralmente concebem a ideia de que, para aprender, as crianças devem primeiramente sentir, depois pensar e, finalmente, comunicar, sempre do mais fácil para o mais difícil e do individual para o coletivo. Nesse sentido, na contramão do que vem sendo geralmente praticado nas instituições de educação infantil, argumentamos que, por meio de uma pedagogia do cotidiano, existe a possibilidade de trabalharmos com as crianças com base em campos de experiências promotores de aprendizagens, de modo interligado e circular, em que sentir, pensar e comunicar sejam considerados processos interdependentes.

Para tanto, entendemos que a pedagogia do cotidiano é constituída por temporalidades, espacialidades, relações e linguagens que se estabelecem na escola. Logo, apoiamo-nos no argumento de que há um modo de fazer e de criar conhecimento no dia a dia, ou seja, o conjunto das práticas próprias da experiência de estar em uma instituição coletiva assume *status* de importância para a construção de sentidos pessoais e coletivos para meninos e meninas. Isso quer dizer que, por meio do cotidiano, temos a possibilidade de encontrar o extraordinário no ordinário vivido diariamente pelas crianças. Afinal, é da garantia dos direitos da infância que estamos tratando quando defendemos uma pedagogia que mobilize os adultos a estarem com as crianças para podermos transformar esse percurso em uma longa e bonita jornada.

A visibilidade e a relevância da temática do cotidiano e sua potencialidade para se pensar uma pedagogia de educação infantil que respeite os direitos das crianças são os principais argumentos para a proposição deste número temático da revista *Em Aberto*. No foco das análises dos artigos reunidos nas seções Enfoque e Pontos de Vista estão, por um lado, práticas desenvolvidas em instituições de educação infantil e cursos de formação de professores e, por outro lado, contribuições teóricas de autores de referência no campo dos estudos da infância que tematizam o cotidiano em sua interface com a educação. Entendemos que as temáticas abordadas, no seu conjunto, compõem um interessante panorama de estudos que oferecem possibilidades para pensarmos na proposição de uma pedagogia do cotidiano em nossas instituições de educação infantil.

Na seção Enfoque – Qual é a questão?, com o artigo “Pedagogia do cotidiano: reivindicações do currículo para a formação de professores”, Rodrigo Saballa de Carvalho, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e Paulo Sergio Fochi, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), tomam o conceito de pedagogia do cotidiano como ponto fulcral da discussão e analisam um conjunto de relatórios de estágio na área de educação

infantil, em que professores consideram a vida cotidiana catalizadora das experiências de aprendizagem das crianças. Desse modo, os autores expõem alguns indicativos que podem servir de referência para que se pense a formação de professores de crianças pequenas.

Na seção Pontos de Vista, são apresentados nove artigos de renomados pesquisadores nacionais e internacionais que vêm se dedicando à temática do cotidiano em suas interfaces com a educação de crianças.

O primeiro artigo, de Maria Carmen Silveira Barbosa e Vanessa da Silva Rocha de Quadros, pesquisadoras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), cujo título é “As aprendizagens cotidianas: os cuidados pessoais das crianças como gesto curricular”, focaliza o momento da retirada de fraldas na escola de educação infantil. As autoras questionam a naturalização dessa prática no âmbito da escola e indicam algumas possibilidades para se pensar com base em uma perspectiva que respeite o ritmo das crianças e considere esses gestos uma dimensão curricular.

O segundo artigo, “O ambiente na educação infantil e a construção da identidade da criança”, de Silvia Helena Vieira Cruz e Rosimeire Costa de Andrade Cruz, ambas da Universidade Federal do Ceará (UFC), resulta de uma pesquisa que destaca a organização do ambiente na educação infantil. Apoiadas nas contribuições de Loris Malaguzzi sobre as dimensões éticas e estéticas da pedagogia, as autoras defendem a importância de que as crianças participem da construção dos ambientes escolares, já que estes, além de seu alto componente simbólico, são também constituidores de identidades.

O terceiro artigo, “Nota crítica sobre a composição de pedagogias para a educação infantil”, de Márcia Buss-Simão, da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul) e Eloisa Acires Candal da Rocha, da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), analisa as construções teórico-práticas tradicionalmente apresentadas pela pedagogia para orientar essa etapa da educação. Nesse sentido, as autoras retomam criticamente as bases educacionais e pedagógicas da educação infantil, mediante uma perspectiva que as situa em uma dimensão social e cultural da criança, da infância e de sua educação.

O quarto artigo, “Repetições e diferenças em cotidianos na/da/com a educação infantil”, de Nilda Alves e Rebeca Brandão, ambas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), discute a organização curricular dos espaços-tempos do cotidiano da educação infantil. As autoras, segundo contribuições deleuzianas acerca da repetição e diferença, argumentam que na escola não existem repetições, mas sim criações e invenções, ou seja, evidenciam que a repetição é necessária ao aparecimento da diferença.

No quinto artigo, “Os bebês no cotidiano da creche: ação social, corpo e experiência”, Ângela Maria Scalabrin Coutinho, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), defende a premissa de que os bebês, por meio de sua ação social, deixam marcas no cotidiano da educação infantil que possibilitam o questionamento das lógicas de organização centradas na normatização das ações e relações. Com essa compreensão, a autora, alega que o corpo é um dos principais componentes da ação social dos bebês.

No sexto artigo, "Pedagogia-em-Participação: a documentação pedagógica no âmbito da instituição dos direitos da criança no cotidiano", Júlia Oliveira-Formosinho e João Formosinho, ambos da Universidade Católica Portuguesa, argumentam que a documentação pedagógica pode constituir-se como garante, no cotidiano educativo, do direito da criança à participação, concretizado na coconstrução de sua jornada de aprendizagem. A desconstrução da pedagogia convencional é passo essencial para a reconstrução das pedagogias participativas, especificamente da Pedagogia-em-Participação. Os diferentes papéis da documentação nessa pedagogia são referidos, destacando-se o seu papel nos processos de desenvolvimento profissional e de autorregulação da função docente, de modo a garantir os direitos da criança no cotidiano pedagógico.

O sétimo artigo, "Por uma visão triangulada dos direitos em creche: análise com base no manifesto epistolar de Malaguzzi", de Sara Barros Araújo, do Instituto Politécnico do Porto, analisa *Uma carta dos três direitos*, de 1993, para discutir as possibilidades pedagógicas em instituições de educação e os cuidados a crianças nos primeiros três anos de vida, destacando a importância dos desafios pedagógicos lançados pelo cotidiano nos contextos de creche.

O artigo "Trabalho de projeto no cotidiano da pré-escola: do que se está falando?", de Mônica Appezzato Pinazza, da Universidade de São Paulo (USP), e Sandra Regina Olivan Souza de Siqueira, da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP), que problematiza a noção de projetos de aprendizagem segundo John Dewey e William Kilpatrick, encerra a seção Pontos de Vista. Tomando esses dois autores, discute-se a noção de experiência, ato reflexivo e ato intencional, em projeto desenvolvido em turma de pré-escola, e suas interfaces com a vida cotidiana.

A seção Espaço Aberto está composta pela entrevista realizada por Paulo Sergio Fochi com Gianfranco Staccioli (Università degli Studi Firenze) e Penny Ritscher (Centri di Esercitazione ai Metodi dell'Educazione Attiva – Cemea), autores italianos que têm se dedicado ao tema do cotidiano na escola da infância. Suas obras versam sobre diferentes âmbitos da vida na escola e já foram publicadas em diversas línguas, incluindo o português. A entrevista aborda a relação do cotidiano com o currículo, a formação de professores, e o bem-estar global das crianças na creche e pré-escola.

Na seção Resenhas, Queila Almeida Vasconcelos, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), analisa o livro *Aprender pela vida cotidiana*, organizado por Gilles Brougère e Anne-Lise Ulmann, uma importante contribuição para o campo dos estudos do cotidiano dentro e fora da escola. De acordo com a resenhistas, os autores evidenciam que as aprendizagens da vida cotidiana são, muitas vezes, banalizadas. A obra tem a colaboração de diferentes autores e discute o cotidiano em distintos espaços e perspectivas.

A segunda resenha, produzida por Sariane da Silva Pecoits, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), examina a obra *Slow school: pedagogia del quotidiano*, de Penny Ritscher, com prefácio de Gianfranco Staccioli. Originalmente escrito em italiano e recentemente publicado em espanhol, esse livro, de acordo com a resenhistas, configura importante aporte para o campo da educação infantil, pois reivindica o tempo como condição para aprender. Com inspiração no movimento

Slow Food, o livro problematiza a possibilidade de se fazer uma escola lenta em tempos frenéticos.

Na seção Bibliografia Comentada, organizada por Rodrigo Saballa de Carvalho, são indicados livros, artigos e pesquisas (teses e dissertações) relacionadas com a temática do cotidiano em sua interface com a educação, tendo em vista potencializar as discussões.

Por fim, com as contribuições presentes nos artigos, na entrevista e nas resenhas, entendemos que este número da revista *Em Aberto* nos convida à explicitação das pedagogias latentes na educação infantil e a pensar como o cotidiano pode ser uma forma de estruturar o trabalho pedagógico e reconhecer a especificidade do currículo para essa etapa da educação básica.

Desejamos que a leitura deste rico material convide professores de educação infantil, professores universitários e pesquisadores a aprofundar os debates sobre o tema e, em especial, que este dossiê seja o motor para a transformação das escolas em escolas de infância.

Boa leitura!

Rodrigo Saballa de Carvalho
Paulo Sergio Fochi
Organizadores